

Literatura Brasileira

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. *Autociografias*. Belo Horizonte: Scriptum / Tessitura, 2006.

Fernando Baião Viotti

Universidade Federal de Minas Gerais

Autociografias é o título do surpreendente volume de Teodoro Rennó Assunção lançado há pouco pela Scriptum em parceria com a Editora Tessitura. O hibridismo de gênero está evidente desde a organização estrutural do volume, contemplando o ensaio crítico no “Prólogo” inicial, o conto na seção “Autoficcinhas” e a narrativa memorialística em “Autobiografites”. Essa mescla de gêneros, para usar a expressão de Mário Alex Rosa na orelha escrita para o livro, não se manifesta apenas pelas separações estanques, na medida em que um ou outro dos gêneros predominantes em cada uma das seções se infiltra nas outras que se lhe avizinham.

Encontram-se, portanto, no “prólogo” confissões pessoais articuladas à reflexão teórica, ou comentários de um ensaio de Hermann Fraenkel lembrados no

decorrer da narração de uma reunião entre amigos.

Talvez esse modelo de estruturação do texto – já utilizado pelo autor em *Ensaio de escola* (2002) – seja em parte o responsável por uma qualidade indiscutível e bastante invulgar do livro constatada logo no começo da leitura. É que a obra consegue, com naturalidade, reunir valores que contemporaneamente parecem andar divorciados na literatura brasileira. Trata-se do inesperado encontro entre matéria reflexiva e leitura divertida, fazendo do livro, a um só tempo, uma obra que nos atira incomodamente à reflexão problemática sobre nossa própria existência, e por outro lado um texto de leitura fluida, provocador do riso e da curiosidade, além de – mérito dos méritos para escritos dessa densidade – não dar vontade de largar até o término.

Desta perspectiva ganha relevo para um leitor mais paciente e inte-

ressado, o elaborado, mas nem um pouco entediante prólogo, onde a reflexão teórica contrabalança a narrativa de aventura que são a segunda e terceira partes. Esse prólogo, não fosse a pertinácia das citações elencadas que não se prendem a esta ou aquela linha teórica, reunindo em harmonia Walter Benjamin e Antonio Candido, poderia ter restado meio estranho, apenas em função de contracanto, ou – mais perigoso – direcionando excessivamente o processo de significação. A argúcia e naturalidade de tom que marcam sua construção, entretanto, serviu para dar um contraponto marcante da apreciação das partes seguintes, que do contrário poderia tender a certa simplificação, operada nesse caso por uma atenção demasiada e ingênua à veia humorística do texto, fazendo escapar a percepção de seu significado pleno (que ao cabo só se dá com atenção ao todo da obra).

Nesse “Prólogo”, em meio à reflexão teórica em torno do estatuto do narrador balizada em comentários de Benjamin e Lukács, lemos:

A perplexidade deste herói romanesco (com o qual o narrador destes escritos de algum genérico modo se confunde), refratário ao conselho e sem a menor centelha de sabedoria, resulta não somente de um incoer-

cível esvaziamento ou incontível fuga de sentido, mas ainda mais elementarmente da impossibilidade mesma de dar forma a uma vida que, sob a ação pulverizadora do tempo, se estilhaça irreconhecível em fragmentos opacos e insignificantes.¹

São justamente comentários desta natureza que funcionam como mediação instantânea para a leitura da segunda e terceira partes, potencializando a capacidade provocativa das narrações, e mesmo a “identificação” – sempre hipotética – que o leitor sente por via de uma apreciação negativa de sua própria existência.

O narrador duvida dessa identificação no “Prólogo”, ao comentar com ceticismo sua possibilidade e, por conseguinte, de “algum dúvida calor existencial” advindo de um reconhecimento por parte do leitor de traços de sua experiência pessoal nas peripécias alinhavadas nessas “memórias Polaroid” conforme a denominação do autor.

Ainda assim insistiria em dizer que tal identificação – posto o seu caráter problemático e sua natureza negativa – pode acometer com frequência o leitor, e mesmo surgir de imediato se o caso for o de um determinado leitor: o cidadão burguês contemporâneo.

¹ *Autociografias*, p. 24.

É problemática por todos os motivos que a pós-modernidade e outras correntes assim nem tão modernas impõem, dada a diversidade de experiências e perspectivas que regem o ritmo de vida moderno, questão que também não escapa ao horizonte de preocupações do “Prólogo”.

Mas é possível, ainda que marcada pela negatividade, pois se trata de uma experiência de leitura permeada por certa familiaridade, infelizmente não reconfortante, mas antes incômoda para os que se habituaram à rotina apaziguada que no livro é cruelmente desmontada em pedaços, permitindo visualizar a mediocridade que, não fosse sua nomeação, restaria incólume e mesmo falsamente *glamourosa* no decurso sem sobresaltos do médio cidadão burguês.

Nota-se um ar de família com *O amanuense Belmiro* – não pela formulação estilística felizmente “datada” em ambos os casos (pensando o datado como aquilo que nos permite recuperar um tempo determinado) – mas justamente a partir da perspectiva aguda do sujeito em face da própria existência, cujo sem sentido se tenta mitigar através de sua narração.

A relação vem a propósito da obrigatória linha de continuidade –

ou de influência, para usar um termo mais provocativo – a que a obra literária está fatalmente condenada, nos termos apontados pelo próprio autor no prólogo: “não há como, ao fazer literatura, não participar de uma tradição maior que – como a língua em que é escrita (...) – evidentemente não pode ser constituída ou inventada inteiramente por nenhum autor individual”.² O vaticínio evoca de imediato o seminal “Tradição e talento individual”, em que T. S. Eliot nos lembra:

O sentido histórico leva um homem a escrever não somente com a própria geração a que pertence em seus ossos, mas com um sentimento de que toda a literatura européia desde Homero, e nela incluída, toda a literatura de seu próprio país têm uma existência simultânea e constituem uma ordem simultânea.³

Assim, tanto Belmiro Borba quanto o narrador não nomeado das *Autociografias* se constituem em semelhante auto-retrato do sujeito, desenhado sem condescendência e incapaz de responder adequadamente às pressões impostas pelo seu tempo que – dadas as diferenças de matiz e o óbvio recrudescimento na contemporaneidade – são em ambos os

² *Autociografias*, p. 32.

³ ELIOT, 1989, p. 39.

casos tempos de avanço tecnológico desenfreado e da busca autofágica da “eficiência” já contaminando até mesmo os momentos destinados ao ócio (ainda que como reafirmação de uma sociedade totalitária).⁴

Premido de um lado por forças exteriores, esse sujeito não consegue, senão raramente, apoio sólido em disposições íntimas que o permitam se contrapor ao domínio absolutista dos “dois deuses cruéis que regem a profanação cotidiana: o dinheiro e o trabalho”.⁵ Afinal, a própria ação neste caso, qualquer ação, não parece se converter paradoxalmente em capitulação ante o primado autoritário da necessidade do ato que preenche de modo indiscriminado os momentos de trabalho e de lazer? O viajante de “Programa de Índio”, texto da segunda parte, já nota muito bem o paradoxo quando comenta desanimado: “Tentei, o que só reforça a prisão, escapar do modelo turístico”.⁶

O primado da “eficiência” torna logo esse tempo destinado ao lazer

análogo ao tempo das obrigações profissionais, marcando a existência por uma “sensação sufocante e realíssima do sem-saída”, referida em “O ranking do lazer”, texto anterior contido em *Ensaio de escola*.⁷ Mais uma vez cabe lembrar *O amanuense Belmiro*, no qual a mesma sensação fica à espreita na acachapante frase final: “– Que faremos Carolino amigo?”

A pergunta tem nuances *shakespeareanas*, mas está devidamente transmutada por uma modernidade em que o “fazer” e o “ter” tornaram-se categorias muito mais importantes do que o “ser”, e diante dela – como diante de Hamlet – também se estende o vazio infinito da não-resposta.

Que fazer, nos perguntamos junto com o narrador, quando sentimos que o próprio ato em sua imanência não passa de reflexo condicionado mesmo quando a princípio poderia ser ação libertária ou mero descompromisso? A saída pode ser a literatura? Pode ser pelo menos a tentativa de uma saída que, ao escapar do primado utilitarista, se erige ela

⁴ A questão já era abordada pelo autor no livro anterior. Em “O ranking do lazer” um grupo de turistas se depara com a própria incompetência para “aproveitar” devidamente suas férias num paraíso idílico do litoral brasileiro. ASSUNÇÃO, 2002, p. 148-161.

⁵ *Autociografias*, p. 103.

⁶ *Autociografias*, p. 65.

⁷ ASSUNÇÃO, 2002, p. 159.

mesma como tal? A despeito do pessimismo que predomina na voz desse narrador, em alguns momentos da leitura desconfie que a resposta pode ser positiva. A pista está dada no “prólogo”, quando ao se referir à escrita de suas memórias o autor nos conta:

Mas o fato mesmo de que elas tenham sido escritas testemunha discretamente – ainda que o objeto do relato seja justamente a dispersão social do lazer mundano – a abertura de um espaço outro que o do trabalho e o do lazer, realizando desde então precária e intermitentemente o desejo contido na nostalgia insaciável de solidão para uma dedicação (concentrada e vertical) à leitura e à escrita.⁸

Esse projeto de vida alternativo que se vislumbra sem que se admita qualquer garantia de sua consecução, remete de alguma maneira a um pensador que, apesar da presença constante de seus pares – Adorno e Benjamin – não é referido no volume: Herbert Marcuse.

Proponho essa associação à visada marcuseana pensando na

postura do narrador que, ao entabular sua proposição ousa, num tempo marcado de modo indelével pelo pragmatismo e pela eficácia, se furta à apresentação de um plano exequível que lhe permita escapar dos dramas existenciais inerentes ao seu *modus vivendi*, admitindo assim a natureza utópica de suas formulações.

Utopia relativa, na medida em que a “abertura de um espaço outro que o do trabalho ou do lazer” em que predominem atividades de leitura e escrita, seja um passo em direção ao projeto de “estetização da existência” que Marcuse propõe a despeito de sua inviabilidade.⁹

Apesar então de todas as dificuldades, a aposta desconfiada na poesia/literatura/arte como saída possível resiste, embasada não só na reflexão teórica do escritor, mas também na sua fatura, marcada por formulações inesperadas como aquela que encerra o “Tríptico: começando o dia”: “Nosso herói contempla então os objetos quietos e a doce luz que pelas persianas da janela se espalha em listras. Ele olha embevecido as

⁸ *Autociografias*, p. 40.

⁹ As referências ao pensamento de Marcuse foram retiradas do ensaio pioneiro de José Guilherme Merquior sobre a Escola de Frankfurt, *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Ver especialmente a seção “A dimensão estética e o problema do esteticismo” contida no primeiro capítulo. MERQUIOR, 1969, p. 37.

próprias mãos, agora os dedos e se decide resoluto: começa a roer uma unha”.¹⁰

Nessa passagem, o tom de desafio insiste em diferentes níveis: no universo interno da obra pela atitude da personagem que – instada contrariamente pelo dia que se inicia – opta pela não-atitude, no nível mais imediato. Na escolha do autor, ao alinhar em sua “biografia da vida improdutiva”¹¹ um acontecimento cuja banalidade se eleva ao paroxismo, ou no engenho do escritor que ousa aproximar termos tão diametralmente opostos como os escolhidos para a frase final, realizando um dos pressupostos básicos da lírica moderna.

Aquilo que se prepara como espaço para uma ação converte-se no mais prosaico movimento possível, mas de repente, como se o sujeito então se rebelasse contra a suposta alienação a que está condenado, se torna matéria-prima para a criação de um objeto literário que opera em sua formulação final um desafio à lógica, obtendo por contraste o desfecho inesperado típico do conto curto, no caso sem qualquer grandiloquência.

Para terminar gostaria de mencionar que esse assunto – o fazer

literário – também está comentado e referido com recorrência no volume. Lembro apenas um exemplo dos mais representativos, que é uma passagem de “Week-end 90”, última sessão do livro. É num “Domingo à noite” que o narrador situa o ato da escrita como “o desejo insano de salvar algo da voragem silenciosa dos dias”, nos dando uma expressão que sintetiza tanto um impulso inerente à escrita memorialística, como o drama da passagem inexorável do tempo a que todos estamos condenados e que o homem tenta enfrentar ao se assumir como criador.

Vemos sintetizada então a realidade conforme apreendida e apresentada literariamente no volume – e porque não dizer, vivida fatalmente por qualquer homem consciente de sua finitude – com destaque em primeiro plano à ação automatizada do cotidiano, e nos jogando na cara o quanto esta nos condiciona e contingencia pela modalidade mais perigosa: em silêncio. Ao alinhar seus dias vazios, o narrador desnuda o ardid da vida que, se repetindo, pode nos dar a doce e venenosa impressão de que o fará infinitamente.

¹⁰ *Autociografias*, p. 103.

¹¹ A expressão deriva de uma citação em epígrafe de Roland Barthes feita pelo autor à página 105: “Não há biografia a não ser a da vida improdutiva”.

Referências bibliográficas

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. *Ensaio de escola*. Rio de Janeiro: 7letras, 2002.

ELIOT, T.S. *Ensaio*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.